

# FH, <sup>133</sup>acostumado a ser guru de outros, resiste a ter seus gurus

Roberto Stuckert Filho/10-2-95

MARIA LIMA e DENISE ROTHENBURG

BRASÍLIA — Nem reunião do “pão de queijo”, nem reunião das nove. Indiferente às críticas e tropeçando em estratégias políticas até agora desastradas, o presidente Fernando Henrique Cardoso resiste à idéia de montar um conselho político. Ao contrário de seus antecessores, que ouviam os auxiliares em reuniões diárias para definir estratégias políticas, a rotina do presidente no Planalto prevê apenas o que é chamado de “despacho interno” — numa reunião com o chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho, e o secretário-geral da Presidência, Eduardo Jorge. A idéia de gurus que aconselhem politicamente o presidente é rejeitada no Planalto.

— Como democrata, ele ouve todo mundo, mas só faz o que quer. Não tem um guru que influa nas decisões. Quem é guru dos outros não admite ter gurus. Ele tem o dom de deixar parecer que está fazendo o que a pessoa quer — disse uma de suas conselheiras informais, a subsecretária de Imprensa e Divulgação, Ana Tavares.

Nos momentos de crise, Fernando Henrique recorre a alguns companheiros mais antigos, como os ministros José Serra, do Planejamento, e Sérgio Motta, das Comunicações, além do governador do Ceará, Tasso Jereissati. Em despachos em separado ou em telefonemas de madrugada, é com esses três que desabafa.

No campo político, as consultas não ficam restritas aos tuanos. O presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), faz parte do seletivo grupo de confidentes desde a campanha. Nos últimos tempos, o pai de Luís Eduardo, o senador Antônio Carlos Magalhães, também entrou para o time dos conselheiros.

Do grupo de intelectuais, Fernando Henrique conversa com os sociólogos Luciano Martins e José Arthur Gianotti. Apontado como “cobra criada” no campo da articulação política, o vice-presidente Marco Maciel (PFL-PE) é freqüentemente consultado, mas não participa do dia a dia do presidente, por discrição e receio de melindrá-lo. Em alguns casos toma a iniciativa de propor caminhos, nunca sem o aval de Fernando Henrique.

— O presidente é do diálogo e

Gustavo Miranda/12-1-95



Clóvis Carvalho: despachos diários

não gosta de delegar interlocução. Daí seus contatos com os parlamentares. Ele considera que o Governo não tem de ser julgado por atos isolados. Não lhe agrada ver o Governo julgado pelos seus primeiros cem dias. Ele acha que o Governo não deve agir sob pressão, sob impacto — disse Maciel.

O secretário-geral Eduardo Jorge diz que Fernando Henrique é uma pessoa que pauta suas decisões pelas linhas institucionais previstas pelo cargo.

— Esse Governo não tem chá das cinco, pão de queijo, nada disso. Não que eu esteja criticando práticas passadas, mas essa coisa de amigo bater na porta, entrar e dar palpite não tem. Dependendo do assunto, o presidente convoca o ministro da área e as pessoas envolvidas para discutir o assunto e toma sua decisão. Não tem fofoca. Essa coisa de reunir grupo não tem — disse Eduardo Jorge.

Líder do PSDB no Senado, Sérgio Machado considera que a própria formação do presidente impede a escolha de um articulador político ou a centralização das articulações em outra pessoa. Como o próprio presidente cansa de dizer, ele passou pela universidade — várias no mundo —, ficou 12 anos no Senado, foi ministro das Relações Exteriores e da Fazenda. Além disso, foi eleito por uma frente partidária. Significa que tem um amplo espectro a consultar quando considera necessário.



O presidente Fernando Henrique com o secretário-geral Eduardo Jorge